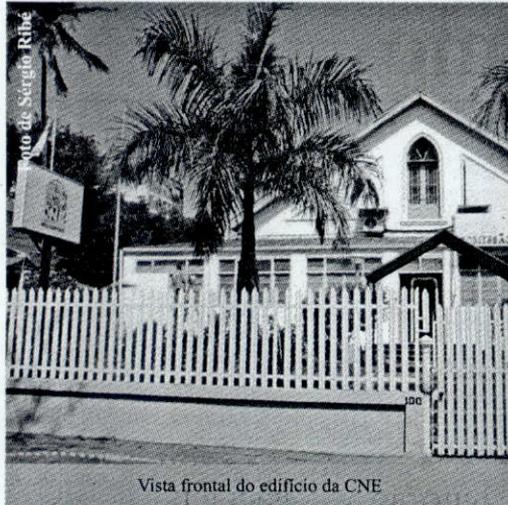


Entrevista

Ex-vice-presidente da CNE faz revelações bombásticas

CNE não é independente nem transparente

... afirma Raimundo Samuge, antigo quadro da Renamo, ex-vice-presidente da CNE e actual membro da Frelimo em entrevista ao Canal de Moçambique



Vista frontal do edifício da CNE

Bernardo Álvaro

Chama-se Raimundo Samuge, natural da Zâmbézia. Foi quadro sénior da Renamo, tendo desempenhado os cargos de chefe de Departamento de Mobilização, Delegado Regional Centro da Renamo, vice-presidente da Comissão Nacional de Eleições (CNE) em 2004. Actualmente reside na cidade de Quelimane, capital da Zâmbézia, e foi com ele que o Canal de Moçambique conversou desde Gorongosa até Quelimane numa longa viagem de autocarro. Nessa entrevista não programada, mas com revelações importantes, Samuge disse que agora milita na Frelimo, mas não por convicções políticas. Está lá somente para não estar fora da política. Uma das revelações que fez, é que a Comissão Nacional de Eleições, onde ele já trabalhou como vice-presidente, "não é independente

nem transparente", como legalmente se exige daquela organização.

Falou também doutros assuntos políticos do País: MDM – que considera ser uma alternativa credível ao Governo da Frelimo e disse que Afonso Dhlakama tem compromissos pessoais que não lhe deixam abandonar a liderança da Renamo.

Sobre Guebuza, disse que deve respeitar a constituição e não forçar um terceiro mandato. Siga a entrevista no clássico modelo pergunta-resposta:

Canal de Moçambique (Canal): Raimundo Samuge, parece andar desaparecido do panorama político nacional. Onde tem estado e o que faz actualmente?

Raimundo Samuge (Samuge): Bom, agora estou a fazer o melhor que não pude fazer. Faço machamba, trabalho no campo e

estou a completar uma coisa que "nunca tinha feito". Estou a estudar.

Canal: Que curso está a frequentar?

Samuge: Estou a fazer história, na Universidade Pedagógica, delegação de Quelimane.

Canal: Tem acompanhado o cenário político nacional? Que comentário faz aos actuais assuntos da política nacional?

Samuge: Claro que acompanho. A minha avaliação é de que estamos a crescer. Nota-se um crescimento político das pessoas, e por outro lado os partidos também estão a crescer, novas forças estão a surgir e a tomarem um espaço que acho que estava a se mostrar vazio na nossa política. Mas penso que muito terá que ser feito.

"Deixei a Renamo por causa de intrigas e filiei-me na Frelimo por acaso"

Canal: O senhor continua a militar no partido Renamo ou definitivamente deixou de ser membro e filiou-se noutra partido?

Samuge: Como é sabido, eu já não continuo na Renamo. Deixei a Renamo em 2008, por razões diversas, algumas que foram reportadas na altura. De momento, eu sou membro não activo da Frelimo. Não tenho trabalho, sou membro meramente por motivos de filiação no partido Frelimo. Depois de sair da Renamo, precisava apenas de estar filiado a um partido, e foi quando decidi me filiar ao partido Frelimo.

Canal: Há várias opiniões segundo as quais a sua passagem pela Renamo visava desorganizar

zar este partido para favorecer a Frelimo onde agora está filiado. Dizem que não estava na Renamo por convicção e solidário com os ideais desta formação política....

Samuge: Pelo contrário, eu na Renamo tive mais capacidade de organização. Durante a minha estadia na Renamo, o partido teve melhores resultados. Em 1994, desempenhei um grande papel. Pena não termos ganho as eleições. Na província da Zâmbézia, onde fui afecto à última hora, tivemos bons resultados. Em 1999, foi o momento em que a Renamo atingiu a maior fasquia. Nessa altura, eu era o delegado regional centro do partido. E foi a partir da zona centro que eu tive mais de 87 deputados,

acima de 50 por cento da representação actual da Renamo no parlamento. Portanto, eu nunca estive na Renamo para desorganizar. Eu saí da Renamo, não porque tinha cumprido a missão de desorganizar o partido. Mas acho que existem lá mesmo alguns que estão lá como membros da Renamo apenas para desorganizar. Mesmo no cenário actual. Essas pessoas estão cada vez mais a desorganizar a Renamo. Eu posso explicar por que razões saí da Renamo. Fui mais uma vítima a abater porque estava a conseguir levar o partido a bons resultados.

Devo dizer que os que estão na Renamo não precisam de alguém que produz e trás resultados, porque essas pessoas não estão preocupadas com o crescimento do partido,

mas, sim, estão preocupados com o crescimento pessoal deles mesmos.

O grande problema da Renamo é de génese. Devo afirmar que nunca se pode desorganizar uma coisa que nunca esteve organizada.

O apoio que recebeu logo após os Acordos Gerais de Paz (AGP) de Roma, recebendo homens que queriam que virassem a cara do partido, a forma de trabalhar da Renamo, não foi aproveitado. Eu me recordo do Dr. David Aloni e de muitos outros quadros que entraram para a Renamo no sentido de ajudar a organizar. Mas todo aquele que entrasse com intenções de organizar, na Renamo era combatido e isso até agora continua.

Canal: Qual é o significado da

sua troca de opções políticas? Convicções retraidas?

Samuge: Não houve retraimento de convicções. Aqui em África, às vezes é difícil alguém mudar de partido político. Nós nos filiamos num certo partido porque acreditamos nos ideais desse mesmo partido. Entro na Frelimo não pelas pessoas em si. Lá eu nunca precisei de falar com o presidente da Frelimo. Há órgãos que funcionam e decidem o modus operandi de cada um dos seus membros.

Agora na Renamo, isso não acontece. Todos tínhamos que estar sob as decisões do presidente. Se não estás nas graças do presidente, você não tem evolução lá dentro.

"O presidente Afonso Dhlakama nunca cumpriu sequer uma missão organizada pelo seu próprio partido"

Canal: Quem combatia e continha a combater os quadros?

Samuge: O combate parte a partir do próprio líder da Renamo. Digo isso porque o presidente Afonso Dhlakama nunca cumpriu sequer uma missão organizada pelo seu próprio partido. Mas deixe-me que eu fale da génese da Renamo. A Renamo não tem uma acta constituinte, dado que foi constituída assim ao acaso, ou seja, pessoa por pessoa ia fugindo para a Rodésia, onde ia e recebia

uma missão. Por isso a Renamo teve a fase da Rodésia, onde não tinha programa. Apenas servia de Infantaria da Força Aérea Rodésiana para perseguir objectivos da ZANU-FP aqui em Moçambique. Era essa a única tarefa. Depois seguiu-se a fase de estar aliada à África do Sul, que estava preocupada em destruir a SADCC de então e seus objectivos económicos, porque muitos países estavam a se desagregar da África do Sul como centro económico. Na ocasião, os países da África Austral estavam

a criar uma organização regional.

Canal: Concretamente quais foram as razões que levaram o senhor a abandonar a Renamo?

Samuge: Bom, as razões que me levaram a abandonar a Renamo são simples. Foi por motivos de intrigas dentro do partido. Eu tinha um certo desempenho, que algumas pessoas não conseguiram. Essas pessoas questionavam: "Samuge quer ser o quê na Renamo"? Mas uma das questões que veio

a agudizar foram as eleições de 2009. Havia pessoas que estavam preparadas para integrar as listas da Zâmbézia e Nampula. São pessoas que nunca trabalharam e nunca conseguiram sequer uma vitória nas suas províncias de origem. Diziam que a Zâmbézia e Nampula têm muitos assentos na Assembleia da República, mas trazem para o parlamento deputados que não têm qualidades. Estava um grupo lá em Maputo e ainda continua lá, que por sinal estavam no Gabinete Elei-

toral do partido e tinham todas possibilidades de manipular as listas. Então, eu fui um elemento que era preciso abater, para se conseguir esses objectivos. A primeira forma ou tentativa foi muito simples que parecia muito boa e até uma promoção. Fizem tudo por tudo, para me tirarem da área política e integrarem-me na Comissão Nacional de Eleições (CNE), porque estando na CNE, deixaria de exercer a actividade política. Tal objectivo foi efectivamente consumado depois de

SIS-PAIS-4460

Entrevista

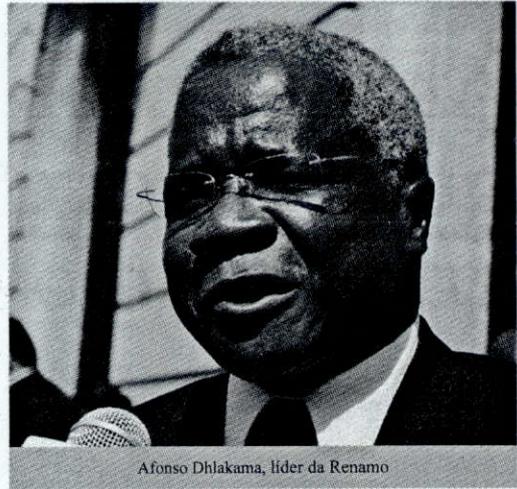
45 minutos de intensa discussão com o presidente e esses membros, acabei aceitando ir à CNE.

Canal: Mas quem decidiu a sua ida à CNE?

Samuge: Quem decidiu foi o presidente. Então vou à CNE e eles ficam na área política, dominam o Gabinete Eleitoral. Na altura da decisão das listas, eu apercebo-me que havia uma grande falcatura que ia acontecer com as listas da Zambézia, apesar de não ter estado directamente activo na política, mas, sim, na CNE. Eu alertei o presidente Dhlakama, que havia um certo risco em relação às listas da Zambézia. Então, as listas da Zambézia foram mantidas sob a guarda do presidente, até à hora da sua entrega. As pes-

soas a que me refiro, sabiam que as listas estavam com o presidente, e foram ter com ele, dizendo 'ah senhor presidente eu queria meter o meu nome na Zambézia'. Mas o presidente disse-lhes que não podia mexer nas listas da Zambézia de qualquer maneira porque 'senão vou perder as próprias eleições lá na Zambézia, porque as pessoas que trabalham vão se revoltar'. Então, daí pronto, as mesmas pessoas iam dizendo que Samuge nos paga. A partir daí, engendraram-se intrigas e vinganças. Diziam que eu tinha que ser expulso da CNE. Perante isso, o presidente recuou. Nesse "Samuge paga-nos", gerou-se uma confusão. Mas aquilo que me deixou mal, foi que eu corria risco de vida, quando inventaram uma grandiosa mentira dizendo

que eu estava à procura do lugar de Dhlakama, tinha que matar a ele para eu ficar como presidente da Renamo. Essa mentira começou a circular. Eu cesso da CNE, volto ao partido e não sou afetado. Fico um ano inteiro à espera da colocação ou do que ia fazer dentro do partido. Nessa ocasião, as mentiras se multiplicavam. Eu escapei a um atentado no distrito de Morrumbala, porque a informação já tinha se espalhado e chegado aos desmobilizados da Renamo. Mas um deles acabou me dizendo: "olha, acabamos de receber uma mensagem essa noite que diz quem encontrar o Samuge tem que disparar porque ele anda a procurar formas para eliminar o presidente, para ele ser presidente da Renamo", algo que nunca passou pela minha cabeça.



Afonso Dhlakama, líder da Renamo

“Dhlakama não pode abandonar a liderança da Renamo porque teme que a Renamo possa afundar e o país mergulhe numa guerra”

Canal: Diferentes opiniões dizem que Afonso Dhlakama devia abandonar a liderança da Renamo. Partilha da mesma opinião?

Samuge: Eu vivi muito tempo na Renamo e eu conheço as razões por que Afonso Dhlakama não deve abandonar a liderança da Renamo. Sempre que eu aproximasse a ele

nas vésperas do 5.º congresso, conversávamos se o congresso ia produzir ou não as alterações necessárias. Ele evocou seus motivos que eu também respeito. Mas

acho melhor conversar com ele. Ele pode dizer mais e melhor. O que ele me disse foi que 'tem compromissos com a Renamo e com as pessoas que morreram, com os

guerrilheiros que agora estão sem enquadramento e se ele deixasse o projecto de qualquer maneira, a Renamo afundava e o país mergulhava num conflito'.

“Os homens que fizeram a guerra continuam a ser ignorados e isso é perigoso”

Canal: A Renamo tem capacidade para voltar a um novo conflito como tem dito Afonso Dhlakama?

Samuge: Bom!.. Sobre a capaci-

dade ou não de voltar ao conflito, o que devo dizer é que os homens que fizeram a guerra existem. Não se pode descartar que não possa haver mais guerra no país, mesmo sem a Renamo ser sua men-

tora. Guerras sempre existiram mesmo a nível de todo o mundo.

A qualquer momento pode eclodir uma guerra, dado que as guerras têm seus motivos. Mas a ter que

haver uma guerra no país acredito que não será pela Renamo. Os próprios homens que fizeram a guerra continuam a ser ignorados, dando-se primazia a uma classe, dita académica que nem sabe da razão

da guerra que a Renamo dirigiu. A Renamo precisa de manter memórias no seu seio.

O discurso de fazer guerra que tem sido trazido pela liderança da Renamo é uma maneira de fazer política.

“MDM tem agenda séria e alternativa à governação actual”

Canal: Qual é o partido que lhe parece ser alternativa à Frelimo no poder?

Samuge: Falando de partidos, eu devo dizer que o recente pronunciamento do presidente da Renamo em torno das eleições municipais intercalares de que a

Renamo não se identifica com elas e por isso não vai concorrer, denota que lá dentro do partido não há seriedade. Como é que um partido do tamanho da Renamo se distancia das eleições? Se a Renamo é autor da Democracia no país, se os objectivos dos partidos políticos é participar em pleitos eleitorais para mudar

a situação política do país, como é que um partido do tamanho da Renamo quer andar longe de eleições?

Mas aquilo tem explicação! É que muitos quadros da Renamo que ocupam cargos eleitorais ou a base de eleições sabem que estão com um pé no partido Movimento Democrático de Moçambique (MDM).

Então, influenciam o presidente da Renamo para tomar aquela decisão que é para dar facilidade ao MDM. Porque aquela posição só vai beneficiar o MDM, dado que os membros da Renamo preocupados e apostados com o desenvolvimento do país, vão votar, e não encontrando o candidato da Renamo, vão

votar rapidamente no candidato do MDM uma vez que não podem votar na Frelimo. Portanto é a saída de alguns quadros da Renamo para o MDM, que querem sair pela porta eleitoral.

Mas é preciso reconhecer que o MDM tem um projecto de governação e parece-me ser mais sério.

“Guebuza não deve forçar sua permanência no poder”

Canal: Fale um pouco da revisão constitucional e da sua necessidade...

Samuge: Se quem pretende essa revisão ainda até aqui não apresentou os pontos principais que vão da revisão e suas reais intenções, como fazer uma análise, se deve ou não haver revisão constitucional?

Canal: Qual é a sua opinião sobre a continuação ou não do actual presidente da República no cargo, para um eventual terceiro mandato?

Samuge: Constitucionalmente

as coisas já estão claras que ele não pode continuar. Por esta demonstração nas três autarquias, tudo leva a crer que o presidente não vai continuar. E realmente ele não deve forçar a sua permanência no poder.

Canal: Qual é o reparo que faz à actual governação do país?

Samuge: Bom!.. falando das políticas de governação do país é inevitável falar da Frelimo. A decisão de forçar os presidentes das três autarquias a renunciar, foi uma decisão corajosa. Pareceu-me que foi para melhorar a gestão autárquica desses municípios. Moçambique é um país muito dependente.

Olhando mais pelo desenvolvimento rural, os resultados dos 7 milhões de meticais que parece não estarem a desempenhar o seu papel, ao financiar pessoas que já têm o suficiente. Precisamos de mecanizar a agricultura, aproveitando as potencialidades que o país oferece. Precisamos igualmente de estar atentos às parcerias que vamos criando, por exemplo aos 6 milhões de hectares agora oferecidos aos brasileiros e outros parceiros devem estar sempre acatados interesses nacionais, para que amanhã o próprio moçambicano não tenha falta de terra. Precisamos de mais fornecimento de água e serviços de saúde.

“Comissão Nacional de Eleições não é independente nem transparente”



Canal: Fale-nos um pouco do funcionamento da CNE, onde já trabalhou como vice-presidente

Samuge: Para mim, a CNE não é independente. Eu nego categoricamente isso. A CNE integra elementos de partidos políticos, logo cada um puxa pelos interesses do partido que representa. Mesmo

eu lá dentro puxei também pelos interesses do meu partido. Talvez com a redução, senão banimento de representações partidárias na CNE, possamos atingir a independência daquele órgão. Mas enquanto continuarmos com o actual modelo não haverá independência nem transparência na CNE. (Canal de Moçambique)